

MANTEGA DIZ QUE NÃO HÁ FARRA CAMBIAL

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, deixou de lado a liturgia do cargo e vestiu por um instante a roupa de cabo eleitoral do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. De forma inesperada, Mantega convocou uma entrevista-relâmpago na portaria do ministério com o único objetivo de rebater os ataques do pré-candidato à Presidência pelo PSDB, o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin. Ao fazer isso, o ministro entrou de vez na linha de defesa do governo na corrida eleitoral, embora tenha afirmado que não vai participar da campanha.

Em conversa com editores de jornais, Alckmin disse ontem que o governo está promovendo "uma grande farra cambial e fiscal" com objetivos eleitoreiros. Seguindo à risca a determinação de Lula de que nenhum ataque fique sem resposta, Mantega recorreu à política de câmbio fixo no governo do PSDB para contra-atacar. "Quando se fala em farra cambial, me vem à mente aquele período do governo Fernando Henrique Cardoso em que o câmbio era mantido artificialmente congelado, como se o real fosse mais valorizado que o dólar", lembrou.

Segundo Mantega, a valorização do real era artificialmente mantida pelo Banco Central no primeiro mandato de Fernando Henrique, com prejuízos à indústria nacional. "Aquilo era farra cambial. Aquilo era populismo cambial. Era artificial. Tanto que, quando soltaram o câmbio em janeiro de 1999, o castelo de cartas desmoronou", disse. O câmbio fixo, com o real chegando a valer mais do que o dólar, foi essencial para o combate à inflação no início do Plano Real. Depois do ataque especulativo contra o Brasil, o governo foi forçado a abandoná-lo.

"Aquilo (no governos FHC) era populismo cambial. Era artificial. Tanto que, quando soltaram o câmbio em janeiro de 1999, o castelo de cartas desmoronou"

GUIDO MANTEGA,
ministro da Fazenda

Mantega afirmou que, na época de FHC, o real era fraco e estava "maquiado" para parecer forte. O país tinha déficit na balança comercial e os recursos externos entravam no país para se beneficiar dos juros altos. Agora, na visão do ministro, a valorização cambial é resultado da entrada maciça de dólares no país, causada pela força das exportações brasileiras. "Hoje, entra moeda forte porque o Brasil é robusto no comércio exterior. Então, a diferença é radical. Há uma valorização porque o real é mais forte. Ele não está maquiado", contestou.

Da mesma forma, o ministro negou que o governo esteja promovendo uma "farra fiscal". "Pelo contrário, nunca se fez um superávit primário desta magnitude durante tantos anos seguidos", afirmou. O superávit, economia feita pelo setor público para pagar parte dos juros sobre sua dívida, foi de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2003, de 4,61% do PIB em 2004 e de 4,83% do PIB no ano passado. "Se somarmos quatro anos de superávit primário, o valor é inédito na história do Brasil." A meta neste ano é de 4,25% do PIB e deve ser cumprida.

Mantega defendeu o reajuste salarial concedido ao funcionalismo e disse que o impacto do aumento já estava previsto no Orçamento deste ano e na meta de superávit primário. "Não há um centavo a mais. Nenhum gasto excedente", garantiu. Segundo o ministro, as contas públicas estão sob controle. Mantega afirmou que a política econômica do governo tem conseguido compatibilizar responsabilidade fiscal, inflação baixa e crescimento "vigoroso". Segundo o IBGE, o PIB cresceu 1,4% no primeiro trimestre. Apesar do contra-ataque imediato às declarações de Alckmin, o ministro negou que pretenda entrar de cabeça no debate eleitoral. "Eu não estarei na campanha", garantiu.



GUIDO MANTEGA: "NUNCA SE FEZ UM SUPERÁVIT PRIMÁRIO DESTA MAGNITUDE DURANTE TANTOS ANOS SEGUIDOS"